

## O mercado precifica tudo

Um **Banco Central** independente, em um país profundamente patrimonialista e corporativista como o nosso, é uma das poucas esperanças para que o pior não piore mais ainda.

Há tempos remotos, **Hobbes** e **Maquiavel** desconfiaram das intenções altruístas dos homens públicos, especialmente do ser político. Nunca espere que a sinceridade conviva com a oportunidade de crescimento sem esforços, pois ao invés de, **“dê-me o poder que preciso para melhorar a vida do povo”**, nunca ouvirás **“dê-me o poder, e se preciso, talvez ceda alguma melhora ao povo”**. Interesses pessoais sempre foram bem sucedidos ao se esconderem por trás de pautas *socialmente interessantes*. Se precisar ser benevolente, que o seja, recomendaria Maquiavel, desde que alcance o que pretendes; mas, antes de tudo, te certificas de que assim o conseguirás invariavelmente; pois não conseguindo, falhastes em tudo.

Grandes pautas sociais necessárias ao desenvolvimento econômico e social do país fracassam, em parte por falta de conhecimento técnico (e muitas mentiras têm sido propagadas), mas predominantemente, porque se viu, ao longo, que não se alcançaria efetivamente o interesse principal.

Um estudante de economia, obrigatoriamente, deve ter em mente a importância das **expectativas dos agentes econômicos** (que são todos nós que consumimos e oferecemos bens e serviços na economia) na determinação das próprias condições econômicas.

Um investidor que espera um cenário inflacionário, e, portanto, de queda do poder de compra de seu dinheiro e valores, por mais equivocadas que estejam suas expectativas, tomará decisões de modo a salvaguardar o seu capital. Nesse cenário, agentes se desfazem de seus ativos e investimentos, resultando em queda da bolsa. Capitais se exilam, resultando em **desvalorizações cambiais** e **alta de juros**; este leva ao encarecimento do crédito e de financiamentos, e do custo da dívida pública; aquelas, à inflação dos produtos importados e todos os bens e serviços do mercado doméstico dependentes deles. Moral da história: *expectativas de mais inflação, mesmo que equivocadas, levam à **inflação efetiva!***

Expectativas importam. E a cada palavra irresponsável solta pelas autoridades políticas, quanto aos rumos da política econômica, o mercado precifica seus riscos. Não é birra de meninos mimados atrás de uma tela de computador, nem arbítrio do presidente do BC, mas um jogo descoordenado de indivíduos e firmas protegendo racionalmente seus interesses, que se constitui em reajuste das variáveis macroeconômicas.

Modelos com bases teóricas e empíricas sólidas, formalizados matematicamente – pois, diferente do marketing eleitoral e do discurso político, não tem dubiedades, não tergiversa; *cinco mais cinco é dez*, sempre e em todo lugar -, que são apresentados aos alunos na disciplina de Macroeconomia I, como o **IS-LM-PC**, mostra que, partindo do pressuposto de que os indivíduos não levam apenas em conta a inflação passada na formação de suas expectativas, somente uma meta de inflação fixada por um BC crível, pode salvar a economia do caos a que caminharia.

E, podemos resumir a credibilidade de um banco central à sua intenção de controlar a inflação em níveis saudáveis, à sua capacidade de análise e de estimação desta meta de inflação, e à sua competência para fazer a inflação convergir para ela. Logo, um BC sujeito ao arbítrio de autoridades com interesses dúbios, e que, então, representa mais risco para os agentes, é desacreditado quanto às suas projeções de conjuntura macroeconômica.

Confiados no BC, às expectativas se ancoram na meta de inflação, e nos cenários futuros sinalizados nas atas técnicas.

A não ser assim, ficamos a mercê de atrocidades técnicas que levam à tragédias econômicas como a do período Dilma. E novamente reajustes dos agentes como meios de proteção de seu patrimônio, são interpretados como golpes elitistas (e até preconceituosos) contra a população mais pobre, que seriam salvos por tais “*cagadas econômicas*”.

Os grandes intelectuais de tais desastres continuam dando as cartas. O grande problema é que, no campo econômico, um ser dizer que *cinco mais cinco é diferente de dez*, é apenas encarado como um intelectual original, com um ponto de vista diferente; e não como pessoas profundamente equivocadas, e que não devem, como geralmente acontece, participar dos ambientes de decisão.